

Dejetos materiais e informacionais como elementos culturais

Raquel Renó

Dejetos e a teoria da informação

Os distintos modos de se apropriar da informação e de objetos residuais demandam uma intensa capacidade de adaptação e de criação de novos sistemas de linguagem. Abordar os dejetos ou “aquilo que sobra” nos obriga a combinar diversos níveis de sistemas comunicacionais que vão do espaço físico propriamente dito, grupos sociais excluídos pelo poder público e privado, os resíduos deixados pelas ruas (dentro e fora das lixeiras) e que vão sendo reorganizados pelos moradores dos espaços residuais e utilizados na construção de casas, no comércio de material reciclado, até níveis que envolvem resíduos comunicacionais, fonte dos moradores de favela que fazem o gato, a gambiarra¹, desviando o curso previsto dos fluxos operantes na cidade. O próprio trabalho de pesquisa para analisar estes fenômenos envolve a coleta e a combinação de elementos aparentemente distantes, fazendo uso de teorias que devem combinar o novo, revisando o que já foi estabelecido, sem poder pertencer a nenhuma estrutura rígida ou previamente estabelecida em sua completude.

Dentro da tradição da Teoria da Informação, Wiener (1993)² pautou a teoria cibernética na ideia de controle; o nome cibernética vem da palavra grega *kubernetes*, que significa piloto. Nesse sentido, tanto seres vivos quanto máquinas lutavam constantemente contra a tendência à entropia. Para o autor, a informação deveria ser medida pela capacidade que havia na transmissão de vencer a tendência natural à entropia, isto é, à dispersão da energia (e de informação). Wiener sabia do paradoxo que isso impunha, já que a informação de maior rapidez de compreensão (de menor dispersão) e de menor complexidade carrega menor taxa informativa. Mesmo pontuando que a entropia não poderia ser considerada a priori como algo negativo, citando o

¹ Termo que deixa de designar apenas a rampa de luzes no palco e passa a significar no Brasil serviço elétrico malfeito, improvisado, especialmente com a finalidade de obter energia elétrica de maneira ilegal.

² Proposta desenvolvida no decorrer do livro *Cibernética e Sociedade*. São Paulo: Cultrix, 1993.

exemplo da dispersão da energia solar como possibilitadora da existência da vida na Terra, a visão ainda era de um sistema de input e output (e conseqüente feedback) onde o dentro e fora do sistema estavam bem definidos. Apontava que a informação era o modo de permutar com o mundo exterior e se adaptar a ele. Foi a partir do trabalho de Maturana e Varela que se concebeu a ideia de mundo exterior como algo não homogêneo e dependente das possibilidades de compreensão e percepção de cada ser vivo, assim como as trocas entre organismo e sistema alteram ambos³. A dispersão da informação é parte da troca, e elementos que antes poderiam ser considerados não-partícipes de um sistema (resíduos) são apropriados por outros, reconstruindo estruturas, assumindo novas funções e em muitos casos alimentando posteriormente o próprio sistema de onde foram excluídos. Wiener sabia que a flexibilidade em adaptar-se às alterações no ambiente permite a expansão de organismos vivos e, conseqüentemente deveria servir de modelo para as máquinas a serem desenvolvidas. Sendo assim, não se pode confundir a teoria do controle como mero fator de regulagem, mas sim um elemento que possibilitaria a aprendizagem ao alterar sistemas de desempenho.

A ideia de resíduo, de dejetos tem a ver com o ruído, algo que está fora de um sistema codificado. Quanto mais energia se produz, mais fragmentos são gerados. Deste modo, a medida da entropia é um modo de se mensurar também o nível de produção de energia. Mais que isso, a maior capacidade de absorção do ruído é um fator que possibilita a complexificação de um sistema. Essa tarefa demanda ainda mais energia e, conseqüentemente, maior a entropia.

Dentro de um sistema social muitas vezes o que se considera residual é associado a algo fora de lugar, fora da norma, algo que não pertence mais a uma estrutura e que está disponível para reutilização. Apropriar-se de informação, espaços e objetos que surgem aleatoriamente tem a ver com a capacidade de adaptação de um indivíduo ou grupo, ainda que essa adaptabilidade seja por vezes fruto de uma situação de emergência e carência

³ Esta ideia foi desenvolvida por vários anos nas obras de Maturana e Varela, como explicitada no livro **De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

extremas. É um trabalho subversivo ou da contra-racionalidade como propõe Santos (2002), porque está na contramão do processo homogêneo de consumo. Não segue as normas previstas “de cima para baixo”. Ao mesmo tempo, por não pertencer mais a nenhum sistema organizado é instável, móvel, um incômodo na cidade. Uma situação de potencialidade e instabilidade, mas também de disponibilidade.

Resíduos e sociedade

A possibilidade de transformação na cultura se dá pelo choque entre elementos de sistemas distantes e pela incorporação ou reincorporação do residual, gerando um mosaico, um conjunto complexo que evidencia novos usos de vários elementos. Esse processo é claramente mais complexo e possível em culturas do excesso, onde a combinação de elementos múltiplos e distintos é parte do mecanismo de construção de sistemas. Santos colabora com essa visão ao falar da flexibilidade tropical, onde “quanto menos inserido é o homem mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil. A surpresa exige uma reformulação da consciência (2002:330)”. O autor acreditava que se estava saindo da era tecnológica para a era demográfica e popular. Segundo ele, o caminho da escassez permite que se perceba o seu próprio valor. O conforto traria uma certeza de uma permanência simbólica que os excluídos não possuem.

É preciso compreender em que medida a residualidade gerada pela constante exclusão e ignorância em relação ao reaproveitamento de materiais e organização dos grupos sociais periféricos é um processo que impede que se crie a necessária elasticidade cognitiva da qual se beneficiariam tanto “excluídos” quanto “excludentes”. Tampouco serviria cair em diferenciações das “minorias” ou de grupos “menos favorecidos” como um modo de conhecimento que não reconhece.

Os movimentos na sociedade que buscam excluir os economicamente menos favorecidos, os imigrantes ou quaisquer grupos que não sejam considerados parte da sociedade chamada “oficial” (que são tratados como dejetos e que ao mesmo tempo trabalham diretamente com a coleta e reciclagem informal do lixo), criam não somente um problema a estas pessoas que se vêem incapazes de se integrarem, mas implicam também na alienação

do grupo que exclui. Não se trata de evitar a construção dos resíduos, o que seria impossível. Trata-se de tomar consciência do processo de criação do lixo para que ele possa ser recuperado de modo criativo e não seja somente fruto de um ciclo de consumo, mas da cultura. Flusser diz que a história humana não é uma linha linear que vai da natureza em direção à cultura, “mas um círculo que gira da natureza à cultura, da cultura ao lixo, do lixo à natureza e assim por diante” (2007:60-61). Por isso falar de dejetos é retomar na análise um elemento que é parte dos processos culturais.

Desta forma, há a presença da aceleração do capital que encontra ao mesmo tempo no espaço local e virtual tanto seu modo de concretude quanto sua resistência. O espaço torna-se um objeto de consumo descartável, mas também é apropriado e reconfigurado por aqueles que não podem participar de seu consumo. Os modos como os sem-teto, favelados (no caso dos resíduos físicos) e os hackers e ciberativistas (no caso dos resíduos informacionais) transitam pelo espaço de modo fragmentado oferecem possibilidades de adaptação que põem em xeque as estratégias velozes de ocupação do capital.

Se há o resíduo artificialmente criado pelo “ciclo de vida do produto” em Marketing, e os discursos lineares e “eficientes” da publicidade, há os resíduos culturais produzidos por sociedades onde o excesso e a grande quantidade de combinações possíveis nos processos culturais são responsáveis pelas apropriações tanto dos “restos obsoletos” do mercado quanto dos resíduos imateriais que o contato entre sistemas distantes oferece. Este processo cria possibilidades de vida emergentes com resultados estéticos que sobrepõem o âmbito artístico, combinando o uso do espaço com meios tecnológicos, comunidades residuais com grupos de mídia tática, a gambiarra de luz com os warchalkers⁴. Estas apropriações são exemplos flagrantes do uso da tecnologia de um modo subversivo, não associadas a um elemento elitista e invariavelmente conectado ao mercado que conecta acesso à tecnologia a poder de consumo.

A apropriação dos dejetos por parte dos migrantes, imigrantes ou outros grupos sociais que não encontram seu espaço na cidade racional encobre questões que vão muito além das fragilidades econômicas e legais

⁴Grupos que se organizam para detectar e informar locais onde há conexão de Internet sem senha para acesso que esteja disponível à apropriação.

que enfrentam. Resíduos geográficos, materiais, possuem um valor simbólico que tem a ver com uma resistência à lógica de consumo e ordenação. A miséria, a falta de apoio, tornam mesmo os indivíduos que estão à margem do sistema tradicional de consumo produtores em potencial, que têm de apreender o espaço e seu entorno para daí tirar o que necessitam. Seu deslocamento constante torna essa capacidade de adaptação a contextos distintos ainda mais urgente e aguçada. Por não possuírem “direito à cidade” estão, como apontado anteriormente, à margem do tempo compartimentado, estruturado. Recolhem e recuperam pouco a pouco o lixo que vêm espalhados pelas ruas, nos depósitos de lixo ou mesmo nos sacos de lixo, que são abertos e separados por eles. O trabalho com o lixo é algo tradicionalmente depreciado. Na Índia a casta mais baixa (os chamados “intocáveis”) se ocupava do lixo e tinha de habitar a parte mais exterior da cidade. Como mencionam Lynch e Southworth, “trata-se de um trabalho menosprezado onde gente menosprezada manipula material menosprezado, uma situação que parece estar fora de controle” (2005:63). No Brasil, a recente polêmica envolvendo uma declaração do jornalista Bóris Casoy em seu programa *Jornal da Band* (31/12/2009) teve que ver com um comentário em que ele se referia aos garis como o “grau mais baixo da escala de trabalho”. Delgado, fala da dificuldade de se abordar esse processo de coleta e combinação do que é rechaçado, do que está no chão, nos sacos de lixo, nos cantos escuros da cidade:

(...) uma das reflexões mais profundas que já se fez sobre o trabalho de compilar o que está aí como descartado, para exaltar sua beleza, foi o filme “Os catadores e eu”, da diretora francesa Agnès Varda (1999), uma reflexão visual sobre a vigência do gesto de agachar-se para recolher coisas do chão que Millet soube retratar tão sublimemente em seu quadro *La glaneuse*. Homenagem às respigadoras do quadro e ao seu autor, mas também à própria cineasta ou – adicionamos – ao etnógrafo sobre o terreno, que como as protagonistas da obra de Millet – com efeito, a respigadora do filme é a própria diretora – não fazem outra coisa que colher coisas que os demais repudiaram por serem velhas, usadas ou humildes. (2003:35)⁵

⁵ “...una de las reflexiones más profundas que nunca se han hecho sobre la labor de compilar lo que está ahí, como desechado, para ensalzar su belleza, ha sido la película *Les glaneurs et la glaneuse*, de la directora francesa Agnès Varda (1999), una reflexión visual sobre la vigencia del gesto de agacharse para recoger cosas del suelo que Millet supo retratar tan sublimemente en su cuadro *Las espigadoras*. Homenaje a las recogedoras de espigas del cuadro y a su autor, pero también a la propia cineasta o – añadimos – al etnógrafo sobre el terreno, que como las protagonistas de la obra de Millet – en efecto la ‘espigadora’ de la película es la

Nesse filme, a diretora aborda a respiga no meio rural, um processo coletivo que com o advento das novas máquinas colheitadeiras passa a ser uma ação residual em si mesma, um processo individual restrito àqueles que por limitações econômicas não podem comprar seus alimentos. A partir desse eixo ela passa ao espaço urbano, dos catadores do meio rural aos catadores de lixo, mostrando ao mesmo tempo a criatividade que há no estar desperto para o que a cidade e o campo aleatoriamente oferecem e a marginalização a que estas pessoas são submetidas. Ao mesmo tempo a diretora aborda os processos que geram o que é considerado resíduo nesses espaços, tanto a partir das imposições mercadológicas sobre comercialização, consumo e preservação dos produtos consumidos quanto à exclusão de certos indivíduos ou grupos sociais (os ciganos rejeitados pela sociedade francesa, os desempregados e alcoólatras rejeitados pelos ciganos) evidenciando o caráter arbitrário do processo. Fala também da mobilidade, algo característico dos respigadores, dos que não têm lugar na sociedade (sem-teto, mendigos expulsos de suas habitações ou mesmo aqueles que não querem ter um lugar fixo).

A obra de Vardà aborda essas questões diretamente relacionadas ao tema, mas também aborda o próprio processo da construção do filme, que tem uma proposta claramente aberta e que vai sendo construída a partir das ideias que se colocam pelos entrevistados, os próprios catadores, elementos invisíveis da sociedade, ou pelo psicanalista (dono de um vinhedo e um dos entrevistados no filme) que vê em seu trabalho a necessidade de estar atento e recolher os fragmentos do que o sujeito não vê em si mesmo.

Sobre reciclagem

Nas últimas décadas, o conceito de reciclagem tem se tornado uma preocupação, ainda que as ações efetivas nesse sentido sejam menos efetivas do que se propõe. Por um lado, a cidade “oficial” continua gerando mais lixo, seja entre os habitantes ou nas indústrias, os maiores produtores de dejetos tóxicos. Enquanto países como Estados Unidos relutam em se comprometer

propia directora – no hacen otra cosa que cosechar cosas que los demás han repudiado por viejas, usadas o humildes.”

ativamente em reduzir a poluição e o lixo (ainda que seja um dos maiores produtores mundiais nessa área), países da Europa central transferem suas indústrias consideradas de alto risco e muito poluidoras para países economicamente de Terceiro Mundo, que não somente as recebem como ainda disputam entre si o direito a possuí-las em seu território.⁶

Em São Paulo o lixo que se coleta de modo seletivo e que pode ser reciclado não passa de 4% do total. Ainda assim, o trabalho de reciclagem (principalmente de alumínio) no Brasil é alto, devido à formação de cooperativas com boa gestão, ao alto valor do material como sucata, ao trabalho de catadores de lixo e ao comércio informal de reciclagem já que sua subsistência provém em grande parte da mesma fonte: o lixo. Um levantamento realizado pelo setor mostra que entre 2000 e 2005 a participação de condomínios e clubes na coleta de latas usadas passou de 10% para 24%. As latas de alumínio se tornaram o carro-chefe da reciclagem no país. O Brasil é, há 5 anos, o líder mundial em reciclagem de alumínio⁷

No momento em que a reciclagem de alguns materiais começa a adquirir valor comercial, passa a representar também uma possibilidade de renda para os moradores de favelas e espaços residuais na América Latina e África. Este processo, no entanto, não possui o status glorificado que se observa em documentários educativos sobre a importância de se diminuir e reaproveitar o lixo. Constitui um trabalho quase ilegal, sem nenhum tipo de direito trabalhista e de alto risco.⁸

⁶ Uma das disputas atuais mais comentadas é a que se estabeleceu entre Argentina e Uruguai, que envolveu desde manifestações populares até conflitos diplomáticos, para decidir que país acolheria uma fábrica de celulose de capital espanhol em áreas próximas ao rio de La Plata, que divide os dois países.

<http://www.cpcmercosur.gov.ar/cpcprensa/2006/2006-12/20061215.htm>

http://www.elcorreo.eu.org/esp/article.php3?id_article=6669

⁷ (96,2%, segundo a ABAL - Associação Brasileira do Alumínio).

⁸ *Folha de S. Paulo*, 22/9/2005: "Catadores de lixo serão expulsos de Pinheiros": A Coopamare (Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis) será despejada da parte de baixo do viaduto Paulo 6º, em Pinheiros (zona oeste), local que ocupa desde 1989. Os catadores foram notificados neste mês, mas disseram que não irão sair. O despejo gerou polêmica e mobilizou alunos e professores da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), que realizam aulas no local e têm o trabalho da cooperativa como alvo de pesquisa. Para o professor da FAU e urbanista João Whitaker, o prefeito José Serra (PSDB) retomou uma política de "expulsão da população pobre das áreas mais ricas, do centro expandido". A cooperativa reúne 56 cooperados e beneficia uma média de 130 toneladas de material para reciclagem por mês.

Podemos encontrar por todo o Brasil casos de discriminação contra os catadores de lixo. Mesmo quando há um plano de reciclagem de materiais, ele é muitas vezes imposto sem a inclusão das pessoas que já trabalhavam com o lixo. Em Goiânia⁹ foi denunciado que catadores de lixo estavam sendo espancados pela polícia como modo de impedir seu trabalho e, principalmente, sua organização como cooperativa. A pressão sobre a importância ecológica da reciclagem e o “crescimento sustentável” faz com que haja preocupação com o lixo material, mas se exclua os que o vêm utilizando como modo de subsistência. Esta rede social passa a ser o resíduo do resíduo.

Por detrás de todas as implicações econômicas que envolvem a recuperação e coleta informal de lixo há um processo cultural importante. Trata-se de um processo de tradução constante que se intensifica com a necessidade de realizar combinações inusitadas com o que está disponível. Por um lado, o lixo é abundante, por outro, como fazer para que possa ser reinserido no sistema e em que sistema(s)? As possibilidades são inúmeras, já que não há lei que defina o uso destes materiais nem o modo de interação destas pessoas. Estar esquecido pela cidade oficial passa a ser vivenciado a partir de maiores possibilidades de escolha e novos usos dos elementos cotidianos; as garrafas PET podem ser recicladas, usadas para a construção de moradias, levar água ou guardar moedas e objetos pequenos que se encontram pela rua. Uma caixa de papelão pode ser cobertor, casa ou armário. Misturar-se ao mercado de rua semanal pode ser a possibilidade de revender peças recuperadas do lixo, ou a manta por sobre onde se vende a mercadoria pirata pode transformar-se em trouxa de roupas quando a fiscalização policial se aproxima

Os movimentos na sociedade que buscam excluir os economicamente menos favorecidos, os imigrantes ou quaisquer grupos que não sejam considerados parte da sociedade chamada “oficial”, criam não somente um problema a estas pessoas que se vêem incapazes de se integrarem, mas implicam também na alienação do grupo que exclui. Não se trata de evitar a construção do lixo, o que seria impossível. Trata-se de tomar consciência do

⁹ <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/12/369276.shtml>, 3 de dezembro de 2006. Acessado em agosto de 2007.

processo de criação do lixo para que possa ser recuperado de modo criativo e não seja somente fruto de um ciclo de consumo, mas da cultura.

A negação da importância do lixo implica em questões éticas, estéticas e é de busca utópica, que só pode ser colocada em prática a partir de ideologias totalitárias. Essa cegueira, embora não se trate de um fato recente, acaba sendo apropriada pela filosofia de mercado atual, na qual a competição, compreendida como algo natural, gera uma hierarquia que justifica ações continuamente excludentes tanto em termos sociais quanto materiais.

Pirataria e economia

É evidente que o excesso de produção só pode ser sustentado a partir do estímulo do consumo, onde a publicidade é o braço mais forte das estratégias de mercado. No entanto, o contingente de pessoas que não podem participar desta dinâmica é enorme. Daí vêm as falsificações, os produtos piratas. Mas o mais significativo neste panorama é como a pirataria representa para muitos um modo de sobrevivência. O Brasil é considerado o quarto país no ranking da pirataria¹⁰, ficando atrás dos Estados Unidos, China, Rússia e França. Não por coincidência estão presentes no ranking a maior parte dos países que compõem o grupo dos principais países emergentes economicamente no mundo (o chamado BRICs). A pirataria é um braço forte da economia informal e seus modos de produção e distribuição operam pela fragmentação, ocorrem nos interstícios da cidade ou de modo efêmero para poderem sobreviver à fiscalização.

O espaço torna-se um objeto de consumo descartável, mas ao mesmo tempo é apropriado e reconfigurado por aqueles que não podem participar de seu consumo. Os modos como os sem-teto, favelados, imigrantes ilegais, ciganos transitam pelo espaço são também possuidores de uma fragmentação e possibilidade de adaptação que põem em xeque as estratégias velozes de ocupação do capital. Se há o resíduo artificialmente criado pelo “ciclo de vida do produto” em Marketing, e os discursos lineares e “eficientes” da publicidade, há os resíduos culturais produzidos por sociedades onde o excesso e a grande quantidade de combinações possíveis nos processos

¹⁰ De acordo com estudo realizado pela Business Software Alliance (BSA) em 2010

culturais são responsáveis pelas apropriações tanto dos “restos obsoletos” do mercado quanto dos resíduos imateriais que o contato entre sistemas distantes oferece. Este processo cria possibilidades de vida emergentes com resultados estéticos que sobrepõem o âmbito artístico, combinando o uso do espaço com meios tecnológicos, comunidades residuais com grupos de mídia tática, a gambiarra de luz com os warchalkers¹¹. É importante propor estas possibilidades, que podem ser desenvolvidas em um próximo estudo, para que as tecnologias não sejam compreendidas logo de saída como um elemento elitista e invariavelmente conectado ao mercado que lança os “melhores e mais potentes” com cada vez maior rapidez.

Conclusões

A gambiarra, as estratégias de fuga e fluidez do mercado pirata, as apropriações efêmeras do espaço pelos camelôs, pelos catadores de lixo e pelos moradores dos espaços residuais oferecem uma visão mais ampla dos usos dinâmicos das informações que não estão restritos aos grupos de mídia tática ou coletivos de ativistas políticos nem aos meios digitais como a Internet e a telefonia celular. É importante mostrar que estas formas de organização residuais possuem uma mobilidade constante que encontra nos sem-teto e nos imigrantes ilegais agentes de fundamental importância.

Não se trata de um otimismo em que não se percebe que nos produtos piratas e nas práticas de mercado informal se encontra um braço de um capitalismo voraz e não necessariamente sua alternativa. É exatamente por saber que nos discursos pró-identidade e anti-pirataria se ocultam interesses de contínua exploração dos grupos “excluídos” que é necessário compreender como estes discursos estão impregnados de incongruências e promessas de falsa estabilidade. Somente desconstruindo estes discursos é possível ver o que se esconde por detrás, perceber que o processo de exclusão vai se alimentando do sistema paralelo dos excluídos, gerando lixo continuamente sem aproveitá-lo de modo consciente, crítico e reestruturador.

¹¹ Grupos que se organizam para detectar e informar locais onde há conexão de Internet sem senha para acesso que esteja disponível à apropriação.

RAQUEL RENÓ é Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). Atualmente é professora adjunta do departamento de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisadora do CNPQ e do Institut Català D'Antropologia (ICA, Barcelona) e membro do comitê científico do festival FILE (São Paulo) e do International Center for Info Ethics (ICIE, ZKM, Karlsruhe). Participa de projetos de pesquisa e experimentação em cultura digital com artistas e pesquisadores latino-americanos e europeus na Associação Cultural ZZZINC. Em 2006 publicou o livro *Do Mármore ao Vidro - Mercados públicos e supermercados, curva e reta sobre a cidade* (Annablume:2006).
Email: raquelrenno@gmail.com

Referencias bibliográficas

DELGADO, Manuel. *Sociedades Movidizas. Pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. Trad. Raquel Abi-Samara. Sao Paulo: Cosac e Naify, 2007.

LYNCH, Kevin e SOUTHWORTH, Michael. *Echar a perder, una análisis del deterioro*. Trad. Joaquin Rodriguez Feo. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Sao Paulo: EDUSP, 2002.

WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade - O Uso Humano de Seres Humanos*. Trad. Gita K.Ghinzberg. Sao Paulo: Cultrix, 1993.